

## Sobre sonhos, ciência & tecnologia, desenvolvimento econômico

by Luiz Prado - quarta-feira, maio 18, 2016

<http://www.luizprado.com.br/2016/05/18/sobre-sonhos-ciencia-e-tecnologia-e-desenvolvimento-economico/>

O conhecimento aplicado ou mesmo a mera compreensão dos fatos sempre estiveram entre os principais fatores de unidade social e avanço econômico. Isso valeu até mesmo para a invenção da roda, o domínio sobre o fogo, a utilização da pólvora para fins bélicos e por aí afora.

Ao final da II Guerra Mundial, as tropas vitoriosas, tanto norte-americanas quanto soviéticas, procuravam por [Wernher von Braun](#) e sua equipe. O inventor das "bombas voadoras" - que trabalhara para Hitler - terminou transferido para os EUA. Em 1950, já liderava as equipes que desenvolviam foguetes militares e, em 1960, tornou-se o diretor do principal centro espacial da NASA, criada dois anos antes. Há muito von Braun tinha o sonho de sair da órbita da Terra.

Desde então, a NASA é uma referência mundial em tecnologia espacial. Mas, além da colocação de satélites de comunicação, de espionagem e de monitoramento de fenômenos de interesse humano - como tempestades e furacões - ou puramente científicos, de que serve a NASA?

Serve para manter vivo o sonho unificador de ser a primeira nação a viajar até a Lua e, mais recentemente, planetas distantes. O que usualmente não se diz é que a NASA é talvez o mais importante instrumento norte-americano de organização da ciência e da tecnologia do país, com impactos fortíssimos sobre a economia dos EUA, conferindo-lhe razoáveis vantagens competitivas.

Apenas como exemplo, periodicamente a NASA anuncia que está disponibilizando patentes com potencial interesse comercial. No último anúncio, foram nada menos do que [56 patentes](#) disponibilizadas para usos comerciais. Na verdade, a NASA joga limpo e há muito tempo disponibiliza patentes que não são mais de seu interesse através de uma [página na internet que tem como apelo a expressão "trazendo a tecnologia da NASA de volta à Terra"](#).

O chefe do Programa de Tecnologia da NASA, Daniel Lockney, afirma sem hesitações:

"Disponibilizando essas tecnologias para o domínio público, estamos ajudando a impulsionar uma nova era de empreendedorismo que vai novamente colocar a América na liderança da manufatura de produtos de alta tecnologia e de competitividade econômica."

Isso talvez valha para abrir a mente de Henrique Meirelles, que acha que a economia é só uma questão de volume de trocas e de equilíbrio entre a coluna da direita e a coluna da esquerda. Parafraseando a equipe da primeira campanha presidencial de Clinton que adotou o lema "é a economia, seu idiota", há que lembrar às autoridades econômicas brasileiras: é o conhecimento científico e tecnológico, seus otários.

O Brasil não vai sair de seu atual atoleiro político só produzindo commodities de baixo valor agregado. E mais: de nada adianta termos reservas de Lítio e Nióbio se exportamos esses minerais raros em estado

bruto, como ainda fazemos com o Silício, exportado em "grau siderúrgico" (pouco beneficiamento) e importado já incorporado a produtos finais por um preço cerca de 50 vezes mais elevado (sem falar na geração de empregos nos países que detém a tecnologia para o beneficiamento e para a sua incorporação - por exemplo - em células fotovoltaicas.

Basta lembrar que há cerca de 30 anos os produtos chineses e coreanos eram considerados de qualidade muito inferior e hoje já estão no topo da cadeia tecnológica... e tentar repetir em algumas dimensões a experiência desses países.

Além de acordos políticos, o Brasil precisa voltar a ter algum sonho de unificação nacional, algo voltado para o futuro e não limitado à cordialidade, ao "jeitinho brasileiro" e às riquezas que permitiam alguma unidade enquanto "deitado eternamente em berço esplêndido".